

O ÁLBUM DAS ANTIGUALHAS DE FRANCISCO DE HOLANDA

Rogéria Olimpio dos Santos¹

Corriam os primeiros meses do ano de 1540. Francisco de Holanda contava aproximadamente 23 anos de idade e retornava da viagem que considerava imprescindível a todo aquele que quisesse aprender a ‘pintura antiga’, aquela feita em Grécia e Roma, antes da queda do Império Romano. Ele acreditava que

nesta coisa da pintura nunca creerei que pode alguém alcançar coisa que não seja pouca, nem menos na arquitectura e estatuária, se não peregrinar daqui a Roma e por muitos dias e estudo não frequentar suas antigas e maravilhosas relíquias no primor das obras. E como eu isto alcancei, fui-me a Roma.²

A oportunidade da viagem surgiu no início de 1538, e junto com a comitiva do embaixador português D. Pedro de Mascarenhas, Francisco de Holanda partiu para a cidade eterna. De retorno a Portugal em 1540, trouxe em sua bagagem uma série de desenhos – provavelmente esboços – das antiguidades e obras de arte encontradas por ele não só em Roma, mas também nos lugares percorridos no decorrer da sua viagem. Desses desenhos, alguns foram finalizados e reunidos em um livro na década de 1560. Este livro ficou conhecido pelo nome de *Álbum das Antigualhas* em virtude do texto existente em sua portada, “reinando em Portugal o rei D. João III, que Deus o tenha, Francisco de Holanda passou a Itália e das Antigualhas que viu, retratou de sua mão todos os desenhos deste livro” (Figura 01).

Ele tem sido lido por grande parte dos pesquisadores que se debruçaram sobre a biografia de Francisco de Holanda, como um diário de viagem em imagens. Diversos estudiosos da obra literária deixada por Francisco de Holanda usaram as imagens que compõem o *Álbum* como ilustrações para as questões teóricas propostas por ele. Outros se debruçaram sobre o álbum interessados nos desenhos que registram obras ou construções que não mais existem, buscando no álbum um registro histórico.

Este livro, conservado na Biblioteca do Mosteiro de São Lourenço do Escorial, em Madrid, é composto por 54 fólios ou folhas numeradas, totalizando, no entanto, 118 páginas desenhadas, uma vez que foram incluídas cinco folhas não numeradas. Essas cinco folhas são composições a duas páginas, inseridas no livro como extratextos. Alguns fólios possuem as duas faces desenhadas. A maior parte, porém, é composta de desenhos a sépia, pena ou aguada, que foram recortados e colados verso contra verso e emoldurados ou embutidos em papel de linho mais fino e de maior formato. Enquanto o papel dos desenhos possui em média 39 x 27 cm, as molduras possuem 46 x 35 cm e são recortados pelo centro. Todos os fólios

¹ Universidade Federal de Juiz de Fora. Programa de Pós Graduação em História. Laboratório de História da Arte. Licenciada em Educação Artística (UFJF) e História (CESJF). Mestre em História (UFJF). Doutora em História (UFJF). Este artigo deriva da tese de doutorado de mesmo nome defendida em setembro de 2015. O curso de Doutorado foi financiado pela CAPES.

² HOLANDA, Francisco de. *Da Pintura Antiga*. Lisboa: Horizonte, 1984, p. 37.

têm uma tarja de cor púrpura. Alguns desenhos foram aparados quando o álbum foi encadernado e as tarjas às vezes cortam algumas linhas ou cobrem linhas inteiras das descrições dos desenhos.

Este procedimento dificultou a identificação do período em que os desenhos foram feitos, uma vez que a marca d'água que permitiria a datação dos papéis, relacionando-os com as fábricas que os produziram, foram eliminadas. Alguns desenhos possuem uma numeração visível na margem, o que pressupõe que, antes da organização do livro, possuíam alguma ordem em sua organização.

Francisco de Holanda abre seu livro de desenhos, com os retratos do Papa Paulo III (Figura 02), e de Michelangelo (Figura 03). Não há documentação que traga luz sobre a intenção de Francisco de Holanda ao organizar os desenhos trazidos ou inspirados na viagem a Roma, no formato em que hoje se encontram. Hipóteses existem algumas. Joaquim de Vasconcellos, primeiro a publicar toda a obra literária conhecida de Francisco de Holanda entre as duas últimas décadas do século XIX e o início do século XX, acreditava que em virtude do texto que consta na portada do álbum, este tenha sido oferecido por Francisco de Holanda ao rei D. João III. O álbum teria passado posteriormente às mãos do seu irmão, o Infante D. Luís e deste para as de D. Antônio, Prior do Crato, seu filho. Não questiona, no entanto, nem a organização do álbum nem as motivações para fazê-lo.

Seguindo essa hipótese, é necessário aceitar a possibilidade de que Francisco de Holanda teria tido acesso ao álbum depois da sua organização, uma vez que foram inseridas em alguns desenhos, informações sobre personagens cujos retratos se encontram no álbum, mas que se referem a situações que teriam ocorrido muito tempo depois de seu retorno da Itália.

José da Felicidade Alves, nos dá notícia de que o álbum foi parcialmente reproduzido no século XVII pelo núncio-cardeal Massimi. Em 1772, D. Antônio Ponz, historiador espanhol que trabalhou na recopilação das obras e relíquias do Mosteiro do Escorial, apresentou pela primeira vez o álbum, fornecendo um índice dos desenhos. Monsenhor Gordo deu notícias dele em 1790, baseando-se nas informações de D. Antônio Ponz. Mas apesar de ter estado em Madrid buscando produções literárias portuguesas existentes em solo espanhol, não deixa nada registrado, nenhuma comprovação de que ele tenha ido ao Escorial ver o álbum.

Em 1876, D. Francisco María Tubino, diretor de diversos periódicos espanhóis e membro da Real Academia de Ciências de Lisboa, publicou no Museu Espanhol de Antiguidades uma lista dos desenhos com uma introdução histórica. Em 1896, Joaquim de Vasconcellos redige uma descrição crítica dos desenhos do Escorial, publicada pela Imprensa Nacional em Lisboa. Limitou-se, porém a descrevê-los corrigindo a descrição anterior, realizada por Tubino, definida por ele como superficial e onde haveria pouco a aproveitar.

Em 1940, D. Elias Tormo publicou a principal reprodução do *Álbum das Antigualhas*. Definido pelo Doutor Francisco Cordeiro Blanco como um monumento de erudição, bom gosto e sentido crítico, apresenta

as imagens acompanhadas de um trabalho descritivo muito amplo, que abarca inclusive a situação dos originais na época da edição. O álbum é entendido como um trabalho documental, de um viajante que registra aquilo que se esperava encontrar ao fim de sua missão.

A segunda edição foi feita pela Livros Horizonte, em 1989, com introdução e notas de José da Felicidade Alves. A ideia da edição, segundo Alves, era fazer uma reprodução tecnicamente correta, com algumas linhas de orientação e financeiramente acessível para o público português em geral com interesses culturais. Não se pretendeu em nenhum momento fazer um estudo de análise estética ou erudição histórica, ao contrário, as notas explicativas foram escritas de forma a serem o mais breves e elementares, utilizando como referência para as descrições a edição de D. Elias Tormo.

Rafael Moreira acredita que o álbum é uma coletânea de memórias visuais da sua ida à Itália, feito a partir dos muitos desenhos que trouxe de sua viagem, os quais refez, acabou ou passou a limpo em Portugal. Estes desenhos teriam sido oferecidos ao Infante D. Luís, seu amigo de estudos, e, com a morte deste, teriam sido herdados pelo seu filho D. Antônio, o Prior do Crato. A ausência de documentação até o presente momento, não me permite, porém, afirmações categóricas com relação a essas questões.

O *Álbum da Antigualhas* não reúne a totalidade dos desenhos feitos por Francisco de Holanda, e sim, os mais significativos para o discurso que ele pretendia escrever com a constituição deste álbum. Com relação às antiguidades, acredito que Francisco de Holanda possa ter seguido, ou buscado, os estudos desenvolvidos por Raphael de Urbino e Baldassare Castiglione, os quais resultaram na carta enviada ao Papa Leão X. A *Renovatio urbis Romae*, poderia muito bem ter inspirado um projeto semelhante em Portugal. Existem no álbum dois desenhos que se relacionam à escola de Rafael, um com o registro de algumas grotescas (Figura 04) e outro da Vila Madama (Figura 05).

Desde o período manuelino, a imagem pública que Portugal queria produzir de si relacionava-se ao controle marítimo e às descobertas científicas que possibilitaram essas descobertas e que ao mesmo tempo, derivaram delas. Humanistas portugueses tentaram, recorrendo ao conceito da renovação imperial, fortalecer a imagem de Portugal como herdeiro de Roma. Alguns autores, seguindo essa linha de pensamento, colocaram o caráter de estudo das fortalezas como o principal motivo de sua viagem. Os desenhos de fortificações de fato mostram a preocupação crescente em Portugal de defender as novas possessões, principalmente no continente africano, mas acredito que esses estudos não constituem a principal parte do livro.

Francisco ao sair de Portugal já tinha tido notícias do projeto de restauração da cidade Roma. Aquele projeto, iniciado vários anos antes com o Papa Nicolau V, havia atingido um outro nível, depois que o Papa Leão X havia incumbido Rafael de Urbino de proteger as antiguidades romanas. O trabalho e as intenções de Rafael, registrados na carta escrita por ele e Baldassare Castiglione ao Papa Leão X, não eram

desconhecidos de Francisco. D. Miguel da Silva, amigo de Castiglione, deve ter mostrado ao jovem português uma cópia desta carta, ou pelo menos ter-lhe falado sobre os estudos que Rafael estava desenvolvendo antes da sua morte. Acredito mais, na primeira possibilidade.

Francisco de Holanda sabia do histórico das ruínas romanas, da intenção de mapear essas ruínas produzindo um mapa da cidade de Roma, onde a condição de cada uma das construções seria registrada. Sabia como as pinturas e estuques encontrados no Coliseu e nas ruínas da *Domus Aurea* haviam contribuído para a criação das grotescas, que desde as duas últimas décadas do século XV, tornaram-se o principal elemento decorativo das *villas* e construções particulares romanas. Sabia, ainda por intermédio de D. Miguel, que os humanistas italianos, muitos deles ligados à Cúria, tinham uma predileção pelos hortos literários, e, antiquários, colecionadores, iniciaram uma tendência de transformarem seus palácios ou residências, para abrigarem as coleções de antiguidades que adquiriram durante vários anos (Figura 06).

Francisco conseguiu organizar, através dos conhecimentos teóricos que já possuía e através da observação das esculturas que encontrou em sua viagem, um repertório imagético, formal, capaz de dar o posicionamento e a dimensão corretas de como construir uma imagem segundo os moldes da antiguidade.

Ao fazer os desenhos das *Alegorias de Roma* (Figuras 07 e 08), Francisco demonstra um conhecimento não somente da prática artística, mas também – e principalmente – das discussões que vinham sendo travadas acerca da importância de Roma, da glória do povo e da cidade antigas que poderia ser seguido e imitado pelos seus contemporâneos, mas que haviam sido relegadas a uma condição de abandono e quase esquecimento do seu valor.

Francisco aproveita a oportunidade da viagem a serviço do seu senhor, o Cardeal Infante, para se aprofundar nos estudos da antiguidade romana, mas também para abrir portas, como a que representava a comitência do Infante D. Luís. Por isso, os desenhos de arquitetura militar, que não eram o primeiro objetivo da viagem, passaram a compor o universo dos seus interesses, já que eram interesses do rei e do Infante.

Até nas incursões que Francisco fez em outras regiões, o interesse pela antiguidade fica patente. Desenha a fonte de Valclusa (Figura 09), onde nasce o rio Sorga, mas deixa registrado que havia sido próximo daquele sítio que Petrarca conheceu Laura, seu grande amor. E mesmo quando registra, estupefato, o novo vulcão de Monte Novo (Figura 10), não se esquece de registrar, citando Virgílio, as sublimes e horrendas faces do monte Averno, que ainda há pouco haviam entrado em erupção.

Não acredito que Francisco tenha trazido de sua viagem somente os desenhos que se encontram hoje reunidos no *Álbum das Antigualhas*, seria até ingenuidade pensar assim. Além disso, é preciso levar em conta que, o Francisco de Holanda que fez os desenhos durante a viagem, não era o mesmo que tantos anos mais tarde, organizou alguns desses desenhos no álbum aqui apresentado. Não estou dizendo que os ideais haviam se alterado, que a antiguidade havia perdido seu encanto, muito pelo contrário. Os textos escritos

depois da feitura do álbum, *Da Fábrica que falece* e o *Da ciência do desenho*, atestam que Francisco se manteve fiel ao culto da antiguidade. Culto este que estava, no entanto, temperado pelas incertezas que a história da sua época lhe apresentava.

Francisco partiu em direção a Roma, buscando a cidade que ele havia imaginado a partir dos relatos de D. Miguel da Silva. É com os olhos deste, que ele peregrina pela cidade. É entre os amigos deste que Francisco circula. São as coleções destes amigos que ele visita. E é o programa artístico de restauração da cidade de Roma, pensado por Rafael e seus colaboradores que ele busca, estuda e cujos resultados sonha em aplicar em Portugal.

O discurso que percebo na leitura do álbum é o do renascimento da Roma antiga sonhado por Rafael. Este é o pensamento inicial declarado por Francisco de Holanda. É atrás da materialização destes estudos que ele vai a Roma. As coleções de arte que ele visita e registra, são em sua quase totalidade pertencentes a religiosos, cardeais, tal como seu protetor à época da viagem, o Cardeal Infante D. Afonso. Francisco aproveita a possibilidade de estudar as coleções de antiguidade, para trazer notícias de como essas coleções eram organizadas, de quais os interesses que os membros da cúria romana possuíam. O que talvez ajudasse o Cardeal Infante a justificar perante a corte seu interesse pela antiguidade. Ou talvez o aproximasse do modo como seus colegas agiam em Roma, caso ele conseguisse autorização de seu irmão para se mudar para aquela cidade.

Acredito que os desenhos reunidos por Francisco de Holanda no seu *Álbum das Antigualhas*, trazem, como num primeiro impulso, os elementos que num segundo momento, ele reunirá e traduzirá em palavras no seu tratado *Da Pintura Antiga*. O tratado representa sim, a primeira tentativa de organização de uma literatura artística com fins normatizadores segundo uma matriz italiana para Portugal. Mas este tratado é a consequência dos estudos feitos por Francisco durante sua viagem. Estudos materializados nos desenhos produzidos por ele, utilizados em sua vida profissional, seja como possíveis modelos, seja como fonte de inspiração, e reunidos mais tarde no álbum que representaria o resumo de tudo o que se passou naqueles meses em que ele pode se encontrar com o que ele acreditava ser a verdadeira arte.

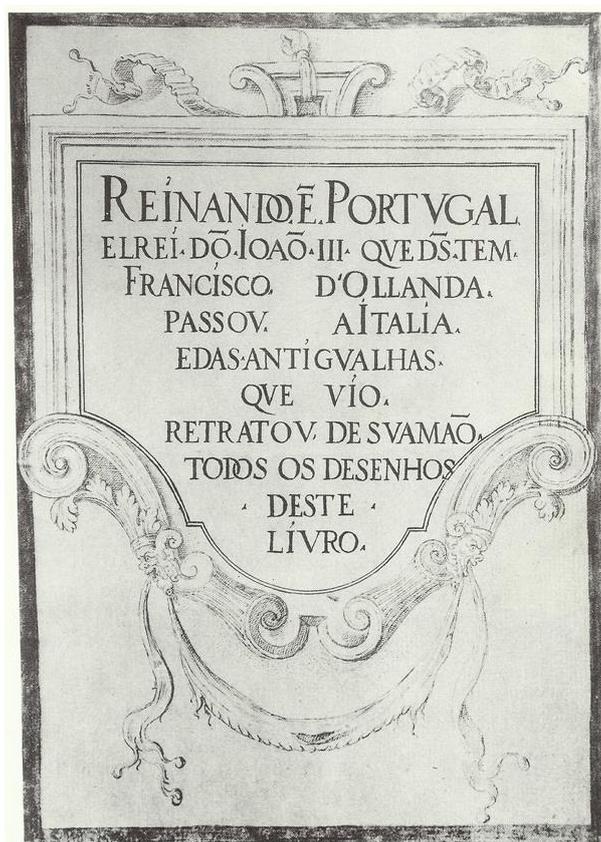


Figura 01. Francisco de Holanda. *Portada do álbum. Álbum dos Desenhos das Antigualhas.* Fl. 1r. Biblioteca do Mosteiro de São Lourenço do Escorial.

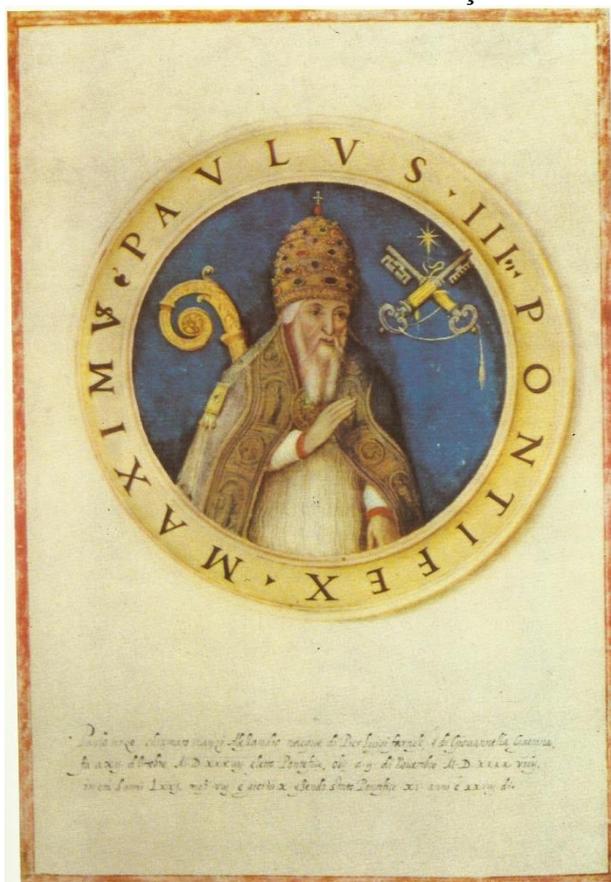


Figura 02. Francisco de Holanda. *Retrato do Papa Paulo III. Álbum dos Desenhos das Antigualhas.* Fl. 1v. Biblioteca do Mosteiro de São Lourenço do Escorial.

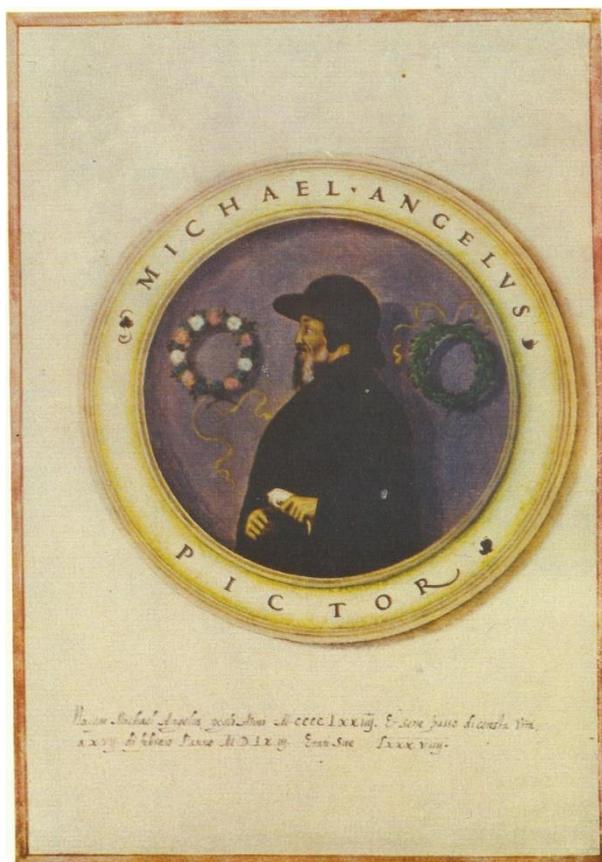


Figura 03. Francisco de Holanda. *Retrato de Miguel Ângelo Buonarroti*. *Álbum dos Desenhos das Antigualhas*. Fl. 2r. Biblioteca do Mosteiro de São Lourenço do Escorial.

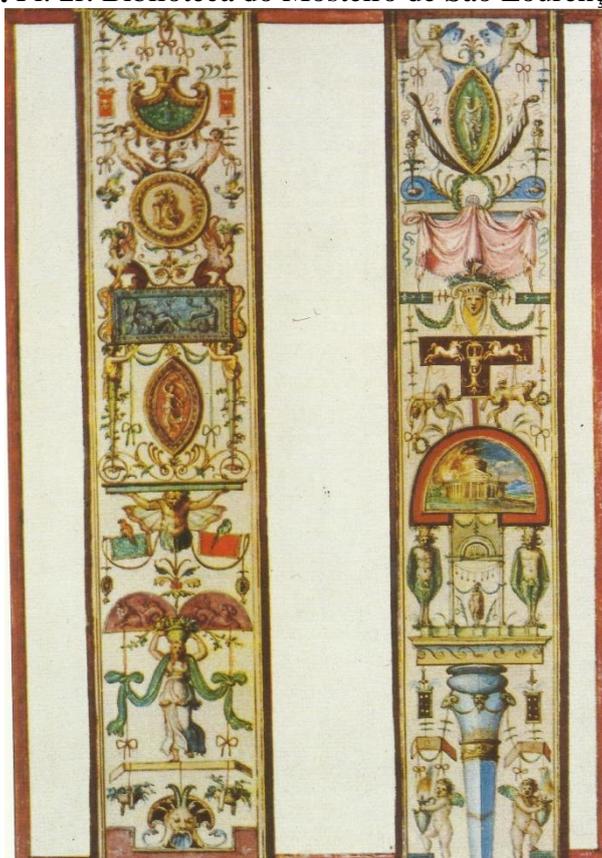


Figura 04. Francisco de Holanda. *Grotescas das Loggie de Rafael no Vaticano*. *Álbum dos Desenhos das Antigualhas*. Fl. 32r. Biblioteca do Mosteiro de São Lourenço do Escorial.

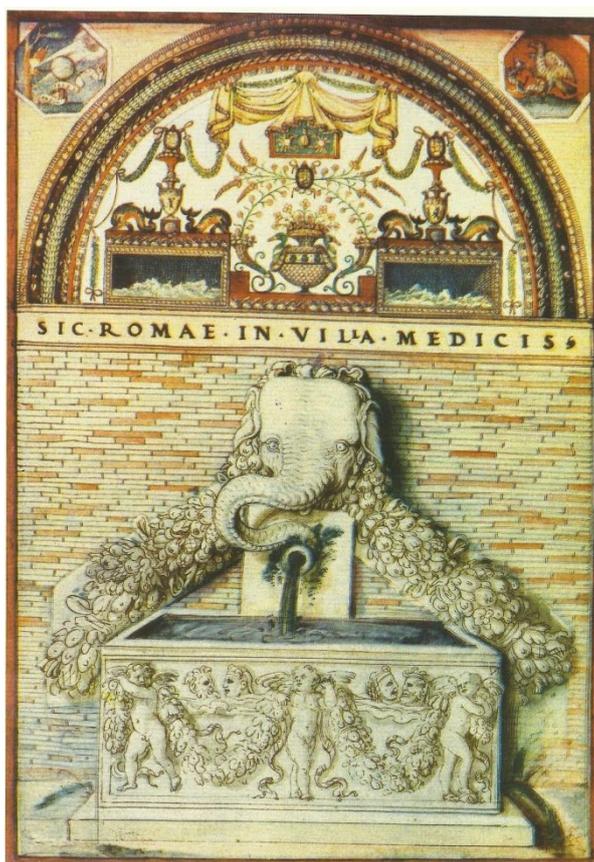


Figura 05. Francisco de Holanda. *Fonte de Villa Médicis, ou Villa Madama.* Francisco de Holanda. *Álbum dos Desenhos das Antigualhas.* Fl. 32v. Biblioteca do Mosteiro de São Lourenço do Escorial.

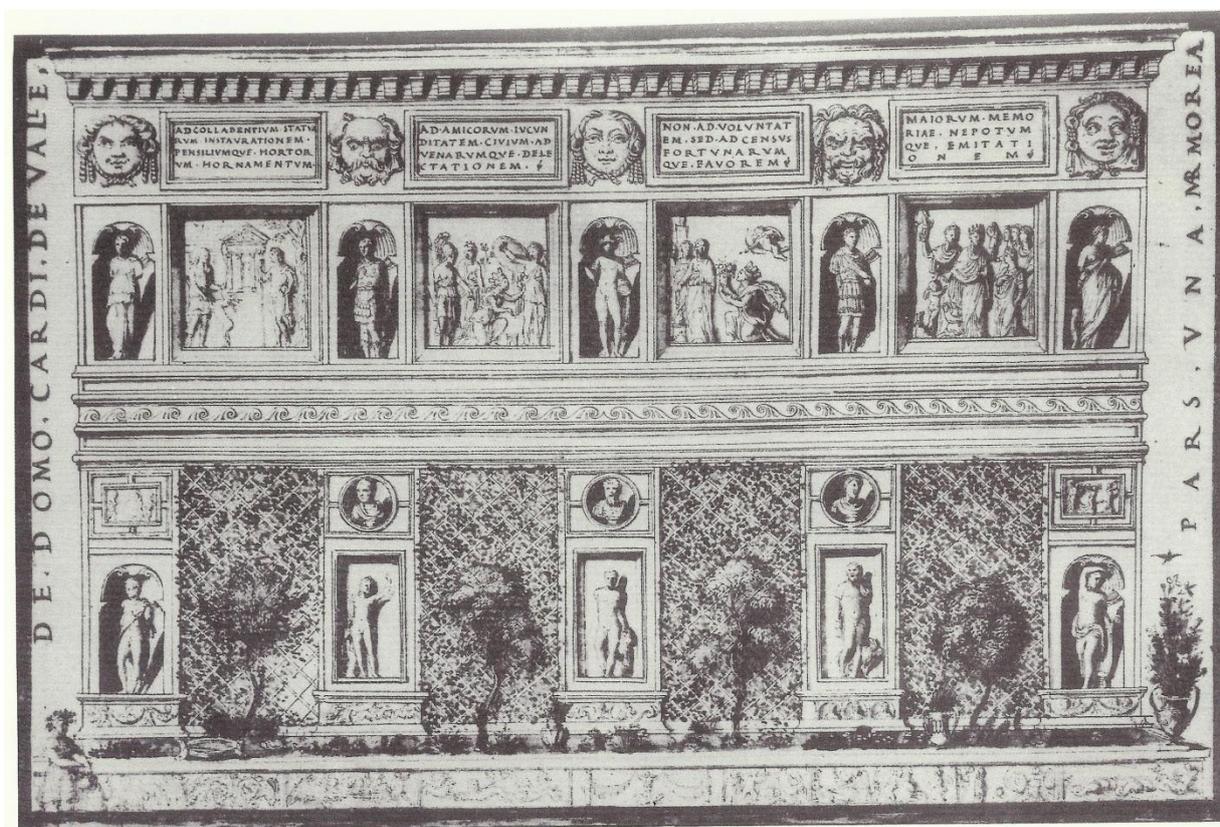


Figura 06. Francisco de Holanda. *Uma galeria do Palácio Valle Caprânica, em Roma.* *Álbum dos Desenhos das Antigualhas.* Fl. 54r. Biblioteca do Mosteiro de São Lourenço do Escorial.



Figura 07. Francisco de Holanda. *Roma Imperial ou Roma Triunfante*. **Álbum dos Desenhos das Antigualhas**. Fl. 3v. Biblioteca do Mosteiro de São Lourenço do Escorial.



Figura 08. Francisco de Holanda. *Roma caída de sua grandeza ou Roma desfeita*. **Álbum dos Desenhos das Antigualhas**. Fl. 4r. Biblioteca do Mosteiro de São Lourenço do Escorial.



Figura 09. Francisco de Holanda. *A fonte de Valclusa, na Provença.* *Álbum dos Desenhos das Antigualhas.* Fl. 49v. Biblioteca do Mosteiro de São Lourenço do Escorial.

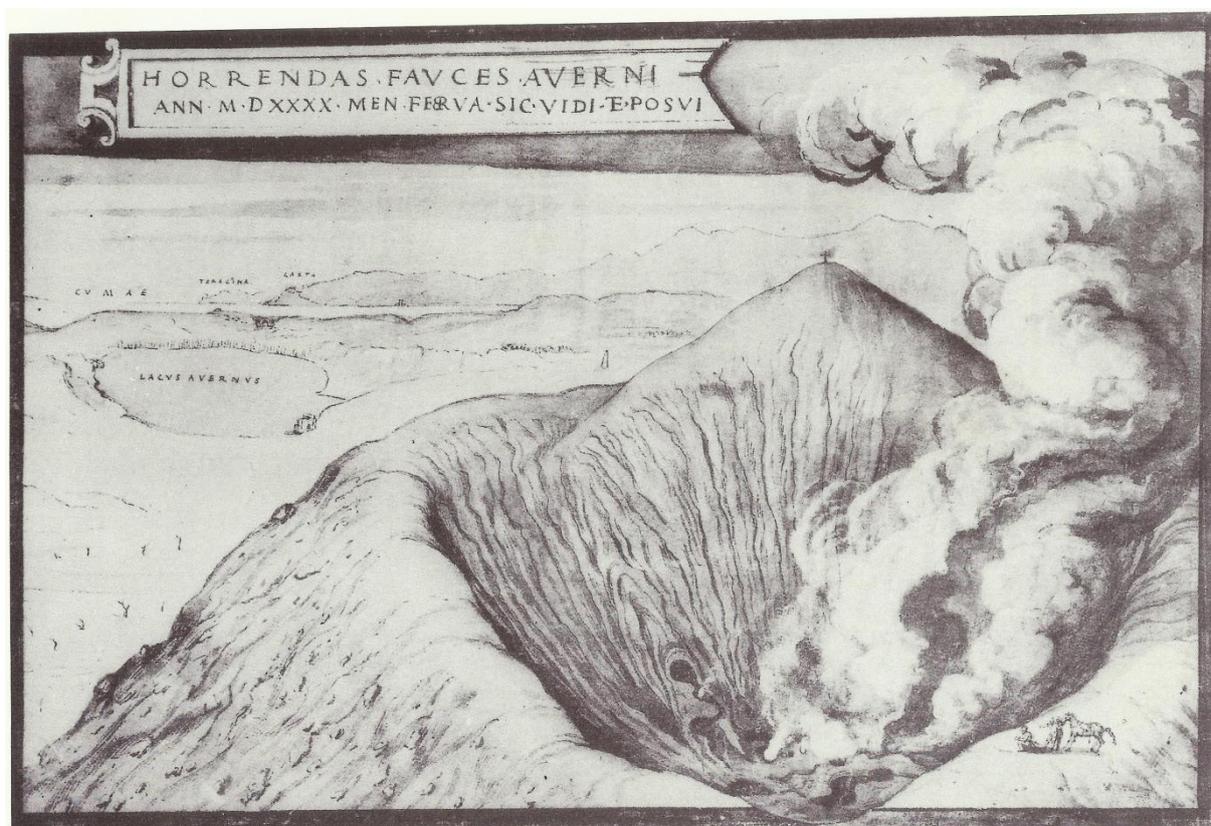


Figura 10. Francisco de Holanda. *O novo vulcão de Montenuovo em 1540.* *Álbum dos Desenhos das Antigualhas.* Fl. 53r. Biblioteca do Mosteiro de São Lourenço do Escorial.

Referências bibliográficas

ALVES, José da Felicidade. **Introdução ao estudo da obra de Francisco D’Holanda**. Lisboa: Horizonte, 1986.

BERBARA, Maria. **Francisco de Hollanda e a “Teoria Artística” michelangiana**. Anais do II Encontro de História da Arte. IFCH/Unicamp, 2006. Disponível em: <http://www.unicamp.br/chaa/eha/atas/2006/BERBARA,%20Maria%20-%20IIIEHA.pdf>. Acesso em: 22 jul. 2011.

BURY, John. B. **Two notes on Francisco de Holanda**. The Warburg Institute. University of London, 1981.

DESWARTE, Sylvie. **Idéias e imagens em Portugal na época dos descobrimentos: Francisco de Holanda e a teoria da arte**. Lisboa: Difel, 1992.

_____. **Il “perfetto cortegiano” D. Miguel da Silva**. Roma: Bulzoni, 1989.

DESWARTE-ROSA, Sylvie. **Antiquité et nouveaux mondes**. A propos de Francisco de Holanda. In: *Revue de l’Art*, v.68, 1985, pp. 55-72. Disponível em: http://www.persee.fr/web/revues/home/prescript/article/rvart_0035-1326_1985_num_68_1_347513. Acesso em: 23 abr. 2015.

_____. O Ramo de Ouro e do Saber: F. **OLLANDIVS APOLONI DICAVIT**. In: MARQUES, Luiz. **A fábrica do antigo**. Campinas: Editora da Unicamp, 2008, pp. 269-292.

_____. **Prisca pictura e antiquas novitas: Francisco de Holanda e a taxonomia das figuras antigas**. Disponível em: http://www.cap.eca.usp.br/ars7/deswarte_rosa.pdf. Acesso em: 29 mai. 2009.

_____. The Portuguese in Rome and the Palazzo dei Tribunali. In: LOWE, Kate J. P. **Cultural Links between Portugal and Italy in the Renaissance**. Oxford Univ. Press, 2000, pp. 249-264.

HOLANDA, Francisco de. **Álbum dos Desenhos das Antigualhas**. Introdução e notas: José da Felicidade Alves. Lisboa: Horizonte, 1989.

_____. **Álbum dos Desenhos das Antigualhas**. Introdução e notas: Elias Tormo, 1940.

_____. **Da Pintura Antiga**. Lisboa: Horizonte, 1984.

_____. **Diálogos em Roma**. Introdução e notas: José da Felicidade Alves. Lisboa: Horizonte, 1984.

MOREIRA, Rafael. Novos dados sobre Francisco de Holanda. In: **Sintria** I-II(1982-83), pp. 619-692.

VASCONCELLOS, Joaquim de. **Antiguidades da Itália por Francisco de Hollanda: Descrição crítica dos desenhos do Escorial**. Lisboa: Imprensa Nacional, 1896.